

O Veraz Selvagem

Em um mundo de aço e concreto frio,
O homem ergueu seu trono, alto e vazio.
No reino de caos, a ganância impera,
E a natureza chora, desolada, à espera.

Com mãos de ferro, ele esmaga,
Destrói o lar onde a vida se perdeu.
O animal, em cativeiro, chora e clama,
Pela liberdade que se inflama.

Cercados por muros de dor,
Os seres sem voz sentem o terror.
O homem, cego em sua ganância infinda,
Ignora o grito da vida que se finda.

Pássaros presos, peixes em tanques,
Leões enjaulados em circo de banque,
A selvageria do homem não cessa,
Torna a vida um espetáculo, uma peça.

E enquanto o homem crava a terra com dor,
Semeia o medo, a angústia e o horror,
Os animais pedem em silêncio profundo,
Que o homem desperte para o verdadeiro mundo.

Que o egoísmo seja, enfim, desfeito,
E a compaixão brote de um coração refeito.
Pois só quando a harmonia se faz realidade,
O homem e os animais viverão de verdade.

E aquilo que o homem chama de animal selvagem,
Se torne o espelho que revela
O verdadeiro selvagem e sua natureza,
Aquele que ousa matar e os olhos fechar.

Lucas Ricardo Picolli Rigo, 2ª série.

A partir do uso da poesia, Lucas tece uma crítica feroz à maneira como os seres humanos tratam outros seres vivos. Fugindo de uma visão romantizada da relação entre a humanidade e os animais, o poeta entra na esteira de textos consagrados, como "O bicho", de Manuel Bandeira, e faz com que reflitamos se, na verdade, não há algo de selvagem na natureza dessa espécie tão racional que é a espécie humana.